

Uma rima para Narciso¹

A rhyme for Narcissus

*Paulo Sérgio Lima Silva**

Resumo

A partir de uma reavaliação de diferentes versões do mito de Narciso, na Antiguidade, e de uma revisão da evolução do conceito de narcisismo, ao longo do século XX, este artigo busca trabalhar questões narcísico-identitárias, com consequências no manejo clínico.

Palavras-chave: Narciso. Versões do mito. Clínica do narcisismo.

Abstract

Having as starting points a revisitation of the different versions of Narcissus' myth, in Antiquity, and a review of the concept of narcissism, throughout the 20th century, this essay tries to deal with narcissistic-identitary issues, with consequences in the clinical handling.

Keywords: *Narcissus. Versions of the myth. Narcissism clinic.*

¹ Este artigo é uma versão aumentada e modificada de trabalho apresentado em mesa-redonda na XXVII Jornada de Psicanálise da SPCRJ, "O narcisismo revisitado", em 18 de outubro de 2024. Trabalho apresentado em versão ampliada na abertura do XXI Encontro de Psicanálise com Crianças e Adolescentes em 19 de outubro de 2024 no CPRJ.

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro aderente e supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pslimasilva@terra.com.br

Não podemos também compreender o destino de Narciso sem pensar no que aconteceu com sua mãe... sem pensar que tirando dele todos os espelhos, ele estava impedido de se conhecer/reconhecer, o que colocava seu narcisismo em impasse. Quando temos Narciso no nosso divã, vamos tentar entender por que ele não se conhece. Vamos nos perguntar qual foi o espelho que ele não encontrou. (R. Roussillon, 2013, p. 121)

A proposta deste artigo é reavaliar alguns aspectos do mito grego de Narciso e trabalhar algumas questões narcísico-identitárias destacadas por René Roussillon, com consequências no manejo clínico.

Em primeiro lugar, uma palavra sobre o título *Uma rima para Narciso*. Trata-se de alusão a um longo poema de Paul Valéry (LAGARDE; MICHARD, 1973, p. 317-320) sobre o infeliz jovem descrito pelo mito. A obra está construída de modo que a cada verso se segue outro, que lhe faz rima, à exceção do último, que fica solto, sem rima. Com isso, o autor, com sensível originalidade, quis indicar o desamparo de Narciso, que ficou privado de um encontro com um outro que o teria ajudado a se constituir. A ausência de rima sugere o vazio, o nada, o abismo das águas, a morte. Proponho, então, salvar Narciso do mergulho fatal, colocá-lo no divã, encetando, como fizeram outros autores, uma tentativa de explorar os meandros de sua subjetividade e facetas pouco conhecidas de sua história. Que lhe seja oferecido, assim, um novo lago, onde ele não veja apenas um reflexo de si, mas uma alteridade que lhe garanta uma reflexividade, de modo a liberá-lo de sua solidão, propondo uma nova rima para sua existência.

1. Nas águas de Narciso

Gostaria, primeiramente, de esboçar um panorama, a fim de melhor compreender a figura de Narciso, tanto no âmbito histórico-sociológico quanto no psicanalítico.

A nova ordem mundial que começou a se insinuar, e depois a se impor, no início do século XX despertou intensa estranheza nos indivíduos e na sociedade e ganhou expressão em setores da literatura europeia. A obra de Kafka, por exemplo, retratou com precisão esse momento de transição, vivido como absurdo, e suas consequências sobre a subjetividade da época. O indivíduo que o

escritor tcheco trouxe à cena se apresentava atemorizado diante de um poder anônimo, massacrado por uma burocracia insana, perplexo frente a uma industrialização acelerada e aos horrores da guerra.

Essas características da nova subjetividade constituíram o que Robert Musil chamaria, em famoso romance, de “o homem sem qualidades”, um homem impotente, vazio de valores, que não compreendia a realidade com a qual se confrontava, nem os novos paradigmas de comportamento e a reconfiguração contínua do social, com essas intensas mudanças sempre apontando para a decadência da classe até então hegemônica e encarada como um modelo ideal. Ou seja, em seu conjunto, o quadro era o de uma brusca perda de referências e de precipitação de uma forte crise identitária. Como se sabe, numa espécie de defesa em massa, o indivíduo acima descrito mergulhou de modo maníaco nos festivos “anos loucos” da década de 1920, antes de precipitar-se na grande depressão que assolou o mundo em 1929 e que culminou com a Segunda Grande Guerra.

Apesar dos conflitos, rebeliões e guerras – em especial “lá longe” na Ásia –, um período de razoável estabilidade sucedeu ao conflito mundial, período regido pelas regras da chamada Guerra Fria. Beneficiado por essa suposta estabilidade, o indivíduo que dela emergiu teve tempo e recursos para se voltar sobre si e cuidar com esmero de sua existência. Contudo, isso se deu ao preço da indiferença, do auto centramento, do egoísmo, da distância e da frieza para com o social e com o outro. O sociólogo Christopher Lasch, no fim dos anos 1970, descreveu esse tipo de subjetividade emergente como expressão de um funcionamento narcísico, configurando uma verdadeira cultura (*A cultura do narcisismo*, 1988). Às características já mencionadas foram acrescentadas a paixão pelo ter – expressa por intenso consumismo – e a alienação em relação a tudo que não fosse imediato e próximo.

Lasch afirmou que, além dessas condições históricas, a crise do capitalismo tardio teria engendrado a emergência dessa nova forma de subjetividade, associada ao “declínio do homem público” (SENNETT, 2014) e à dominância do individualismo. As chamadas “tirantias da intimidade” (LASCH, 1988), a busca do aperfeiçoamento pessoal (em especial em relação ao corpo) e o triunfo do terapêutico teriam também sido decorrências diretas dessa configuração. Narciso esteve então “mal falado” até cerca de metade do século passado; ou, ao menos, “mal compreendido”. Esteve “mal falado” no sentido de que a abordagem do mito ressaltava costumeiramente aspectos descritos como caracterológicos da personagem, não só, como foi visto, no âmbito da pesquisa sociológica, como também no da compreensão psicológica.

Recuando ao século XVIII, é possível localizar no pensamento de Rousseau a valorização do amor-próprio como algo diferenciado do amor de si, daí advindo nuances para a concepção de narcisismo. Em oposição ao auto centramento, marca do amor de si, o amor-próprio colocaria em destaque a relação do sujeito com o que lhe era próprio e singular. Num certo sentido, abria-se caminho para aquilo que bem mais tarde seria considerado como o narcisismo necessário e constitutivo, diferenciado daquele com feições patológicas (BIRMAN, 2014).

No século XIX, entretanto, com a nova importância dada à sexologia, o narcisismo passou a ser incluído como uma modalidade de degeneração psíquica, sendo mesmo descrito como anomalia sexual. Como se sabe, foi necessário aguardar o ano de 1914 para que o olhar de Freud pudesse, depois de algumas tentativas, se debruçar sobre a questão narcísica, outorgando-lhe outra compreensão no desenvolvimento individual.

No território da perspectiva sociológica, a visão severa e algo pessimista de Lasch foi modulada em 1980, a partir de um intenso debate sobre sua obra. A célebre Conferência Cortland sobre o Narcisismo, em Nova York, teve como resultado tanto questionamentos quanto confirmações, assim como rejeições às suas principais teses. Dessas discussões emergiu, de modo geral, um Narciso moderno, encarado de outro modo, como expressão de um “mecanismo defensivo necessário para a sobrevivência” (ALT; HEARN, 1980, p. 50). Ele constituiria uma “resposta à perda da subjetividade gerada pela racionalidade capitalista” e, em última instância, uma forma de “busca subjetiva da subjetividade perdida” (ALT; HEARN, 1980, p. 54). O que ganhou evidência, portanto, foram os movimentos que configuravam uma resposta ao desamparo a que os indivíduos estavam expostos na sociedade contemporânea.

Destaco dessa coletânea um artigo cuja originalidade do título me chamou atenção: *Narcisismo depois da queda: o que havia no fundo do lago?* (PICCONE, 1980, p. 112). O autor sugere que no fundo do lago encontravam-se latas de cerveja enferrujadas, velhos sapatos, destruídos e enlameados etc., enfim, os detritos da sociedade de consumo, os quais, metaforicamente, constituiriam o lodo que impediria qualquer renovação da imagem do homem do século XX. Por razões diferentes, como será visto adiante, Céfiso, pai de Narciso, na lenda, com a turbulência de suas águas, também impediu o filho de nele se mirar e assim criar uma identificação primitiva bem definida. Ao longo deste artigo, tiro partido da observação de Piccone (1980), mas no âmbito psicanalítico: o que Narciso teria realmente visto ao se debruçar sobre o lago? Existem várias interpretações.

Algo semelhante se passou a partir dos anos 1950, aproximadamente, com a produção sobre o Narcisismo no campo psicanalítico; houve uma mudança de tom bastante significativa. O trabalho de Kernberg (1980) sobre a personalidade narcísica, embora tenha ressaltado os aspectos psicopatológicos da questão, pôs em evidência bastante detalhadamente, as características desse modo de funcionamento subjetivo. Mas foi com Kohut (1984) que a jovem personagem do mito, transportada para cena clínica, pode ser melhor interpretada. Sua transferência, sua fúria, seus movimentos de aproximação simbiótica ganharam especial relevo na obra desse autor. Não poderia deixar de citar, dentre a copiosa produção dessa época, o número especial da *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (1976) inteiramente dedicado ao assunto. Novamente, me encantei pelo título dado na edição em português a um desses trabalhos, de autoria de Mc Dougall (1976): *Narciso em busca de uma nascente*. Na análise do mito, volto a esse artigo para destacar a importância de sua abordagem. A partir dessa época, constituiu-se em relação ao tema do narcisismo uma nova sensibilidade, que de certo modo também trazia avanços na teoria e na técnica da psicanálise na época, beneficiada pela valorização do tato e do cuidado. O jovem da lenda era então contemplado com um olhar mais benigno e compreensivo em relação ao seu estranho comportamento, encarado agora como uma defesa – certamente por vezes enrijecida – frente aos infortúnios de sua história.

2. Imagens do mito

Abordo agora o mito grego dando destaque a alguns pontos que me parecem mais relevantes. Embora existam várias versões (menciono algumas mais adiante), tomo como referência a narrativa mais conhecida, a das *Metamorfoses* de Ovídio (2017).

Narciso é o jovem das águas, nelas foi engendrado, nelas buscou algo, mas também nelas encontrou seu fim. Filho de Liríope, uma ninfa das águas – a de voz suave e macia como um lírio –, e de Céfiso, um rio turbulento e ruidoso, foi concebido a partir de um estupro. As águas movimentadas de seu pai certamente não lhe permitiram a constituição de uma imagem nítida e tranquila em que pudesse tentar se mirar. E a mãe, assustada, o privou de todos os espelhos (possivelmente inclusive o dela própria), ao ouvir de Tirésias que ele só sobreviveria se não visse a própria imagem (o adivinho certamente vislumbrou no futuro a cena da perdição de Narciso). Durante seu desenvolvimento, desfalcado de algo fundamental para a constituição da subjetividade, Narciso

nutria-se do olhar dos outros como fonte de reconhecimento. Sua extrema beleza, sua aparência, seu exterior chamavam a atenção; mas, como costuma acontecer com as pessoas narcísicas, essa forma de confirmação nunca o saciava e nunca era integrada. Ele necessitava de outra confirmação, de outra mais e mais outra.

Estabelece-se, então, nesses casos uma busca incessante de um outro, outro este, entretanto, percebido com as características de um espelho real, ou seja, como uma superfície plana, fria, mantida à distância – espaço de puro olhar, onde não há toque. Roussillon enfatiza: o mito de Narciso expressa a “dialética entre o olho e a mão” (2023, p. 18). Explico melhor a inclusão do elemento “mão”: Narciso é visto, desperta paixões, mas delas foge. Quando a ninfa Eco, que havia se encantado por ele, se aproxima, ele retruca: “Não me toque, prefiro morrer a ser tocado por ti”. É a morte, assinala Roussillon (2023, p. 16), “que está implícita no tocar”.

É sabido que, em um certo nível, a proibição do tocar se dá de modo natural no processo de desenvolvimento. Anzieu, no *Eu-pele* (1989, p. 168-170), sustenta que o tudo tocar do bebê é aos poucos inibido pelos sucessivos “nãos” dos adultos e substituído, ao menos em parte, pelo olhar (que mantém a distância) e pela palavra (que apenas designa o objeto do interesse, do desejo etc.). O interdito edípico instalado mais adiante vai implicar em novas nuances para a permissão/proibição do tocar. No caso de Narciso, entretanto, fica subentendido que esse tocar teria sido algo proibido desde sempre, jamais vivenciado; e que, ao se realizar, atravessaria a sua pele, a sua superfície, e despertaria na sua interioridade sensações até então anestesiadas; que o faria, enfim, sentir. Essa é a questão central: o impedimento do sentir.

Mas qual a razão desse desconhecimento e/ou evitação dos sentimentos que seriam evocados pelo toque? A cena do lago aponta para um desvendamento, pois, à medida em que nele se debruça, uma descoberta, uma nova percepção acontece. Fica, contudo, a indagação: o que realmente teria visto Narciso, que teria derretido sua algidez, impelindo-o para outra dimensão, ativando as emoções regressivas associadas ao interdito desejo de tocar?

Na narrativa clássica do mito, Narciso se depara com a própria imagem. Os primórdios de sua vida haviam-lhe ficado devendo essa vivência, e a confusão regressiva eu/outro se reedita, ou melhor, se cria pela primeira vez: deslumbrado com a imagem que contempla, apaixona-se por ela. Trata-se dele mesmo ou de algum outro que agora tenta alcançar? Há unanimidade nas interpretações do mito de que a sua percepção inicial era de que se tratava de um outro. Mas ao tentar tocar nesse que parece um outro, a imagem se

esvanece, as feições do rosto se desfazem. O objeto desejado revela-se intangível, indiferente. O mergulho que o conduz à morte é ato desesperado, fruto de um sentir sem limites, da busca por um encontro impossível com um objeto inalcançável.

Uma interpretação mais radical da cena do lago, na verdade uma ficção bastante criativa e original, é oferecida por Carvalho (1988, p. 155), quando propõe que aquilo que Narciso vê nas águas é Liriope aprisionada, cativa de Céfiso, deparando-se então com a brutalidade presente em sua concepção. Ele não é filho do desejo, mas da violência. Esse autor complementa: Narciso “vai se deter para sempre nessa cena primordial que é o segredo sobre si mesmo que devia evitar a todo custo, segundo Tirésias, e que se conserva no momento em que ele se proclama: esse sou eu!” (1998, p. 155). A consequência dessa revelação explicaria a sua algidez, necessária para esfriar suas intensidades, as quais, na verdade, evocariam a violência original, cujo registro se preserva, longinquamente clivado, no interior de sua subjetividade. O não ser tocado, o não sentir, então, como que garantiriam a eficácia dessa clivagem.

Claro está que na história das personalidades em que o narcisismo predomina não se encontra necessariamente o registro de um estupro *stricto sensu*, mas talvez a presença de traumas, ou invasões, no sentido winnicottiano do termo. O artigo do sociólogo Piccone, anteriormente citado, também pode vir em nosso auxílio, inspirando uma visada psicanalítica que forneça nuances à hipótese radical mencionada acima. O lodo, os detritos encontrados no fundo do lago poderiam simbolizar o sujo, o feio, o imperfeito totalmente dissociado da beleza ideal e imperturbável de Narciso. Não seria possível para ele integrar em sua bagagem psicológica o erro, as faltas, os defeitos, os registros de uma vivência regressiva mal elaborada, que maculariam a sua “perfeição”, preservada a todo custo. Aliás, essas características são muito comuns em pacientes narcísicos que durante o processo de análise exigem especial tato para conseguir assimilar aquilo que na verdade faz parte de sua carnadura humana.

Pequena digressão: retornando à perspectiva sociológica introduzida por Lasch, não resisto a propor uma espécie de hipótese de “psico-história”. Sugiro que as duas Grandes Guerras Mundiais, no decorrer do século XX, teriam sido registradas e vivenciadas como uma espécie de estupro na história da humanidade. E a esse estupro se sucedeu a frieza de outro tipo de guerra, fácil de ser negada, de dela se ganhar distância, até mesmo de se criar alguma indiferença; o que teria propiciado a emergência de outro tipo de valor e de ideal individualista e que teria contribuído para a constituição da cultura do narcisismo que o autor defende.

Retomando o mito e a cena do lago: existem outras versões para o desenlace final. Em uma delas, Narciso se mata com uma espada, depois de perceber nas águas a imagem de uma mulher, na verdade, sua irmã. Outra, que não focaliza o mergulho, descreve a morte do jovem anorético se despedindo da vida aos poucos por não encontrar um outro que o alimente (UBINHA; CASSORLA, 2003). Destaco ainda outra versão, de acordo com a qual Narciso golpeia-se incessantemente, na beira do lago; segundo Hadot (1976, p. 96), essa seria a expressão de uma “exaltação sado-masoquista que provocaria a morte através da intensidade”. Essa colocação me levaria a pensar numa perpetuação do sentir, nem que seja a partir de intenso sofrimento. Se retomamos a hipótese de Carvalho (1988), a violência que Narciso inflige sobre si mesmo replicaria a violência que ele vislumbra no lago: a mão brutal do pai sobre corpo dolorido da mãe. Narciso, então, estaria agora aprisionado numa dramatização da cena primária que, já então, não produz o nascimento, mas inflige sofrimento e conduz à morte.

Experiências correlatas podem ser encontradas na clínica atual, especialmente entre jovens. Aproximo declarações e atos de diferentes pacientes. O “eu não sinto”, bem comum atualmente, expressa um vazio mortífero, de subjetividades carentes de ideais, circunscritas ao aqui e agora, que se entregam a experiências radicais de risco (alguns tipos de esporte, por exemplo), a um “ficar com” desenfreado nas baladas, a brigas gratuitas nas noitadas. Parecem com isso querer recobrir um espaço sem nome e sem forma, um nada interior que escapa a representações. É nos cortes auto infligidos, em especial em algumas pacientes do sexo feminino, que se percebe a tentativa mais chocante de encontrar, senão uma resposta, o registro de uma dor e de um sofrimento indizíveis, não simbolizados, mas tornados concretos e, portanto, reais. São formas atípicas, às vezes desesperadas, de reencontrar um “sentir” perdido, através da estimulação de fortes intensidades ou mesmo de movimentos masoquistas.

O “eu não sinto” radical descrito no mito também pode ser encontrado mais adiante, no percurso do desenvolvimento, sob a forma de um núcleo narcísico mais específico e parcial. Ou seja: na bela indiferença histérica, no distanciamento intelectual do obsessivo ou até mesmo nos evitamentos do fóbico, sempre concentrando suas preocupações na segurança e nos medos.

3. A clínica da rima

Juan José Saer (2002, p. 41), no romance *O enteado*, nos diz: “nunca se sabe quando se nasce, o parto é uma simples convenção. Muitos morrem por terem

nascido, outras apenas nascem, outros mal nascem, outros mal nascem, são abortados”.

A propósito de nascimento, a tradução para o português do artigo de McDougall (1991) substituiu com sensibilidade o *source* (“fonte”) do título original francês por “nascente”: “Narciso à procura de uma nascente”. Embora essa ideia não seja desenvolvida no artigo, fica implícita a possibilidade do encontro no lago sugerir uma revisão do nascimento de Narciso, ou melhor, de cada Narciso com que nos deparamos na clínica. Considerando que com frequência se diz que um tratamento analítico representa uma segunda chance, ou seja, de alguma forma, uma nova maneira de vir ao mundo ou de nele estar, gostaria de me centrar em algumas das condições facilitadoras dessa concepção e desse parto. Indico algumas estratégias para o manejo clínico das sessões de psicanálise no atendimento a pacientes com dominância narcísica.

Mas antes uma palavra sobre quem são esses pacientes, como se apresentam na clínica. Rosenfeld em *Impasse e interpretação* (1988, p. 310-311), privilegiando o critério acessibilidade, propôs uma classificação desses pacientes, polarizando-os como os de pele fina e os de pele grossa. Desenvolvo algo sobre essa polarização: os primeiros, os de “pele fina”, seriam aqueles mais sensíveis ao que bem mais adiante se denominaria “sofrimentos narcísicos”, sensíveis até para admiti-los e, portanto, para se beneficiar das intervenções do analista. Percorrem suas existências algo mancos, sem o estofamento suficientemente consistente para abandonar a instalação de um ego ideal mal estruturado e frágil em favor de um ideal do ego. Já os segundos, os de “pele grossa”, constituíram-se, em geral, fixados em um traço de sua personalidade – a beleza, a inteligência, a graça, a força atlética etc. – como um apoio para eternizar um arremedo de um *self* grandioso, sustentador a qualquer preço de suas identidades. Nesses casos, se faz necessária a busca constante de espelhos, de confirmações. Penso em uma paciente, hoje com cerca de 65 anos, que se sustentou a vida inteira com base em sua invulgar inteligência, com prejuízo do desenvolvimento de sua vida emocional. Arrogante, buscava se impor em todos relacionamentos e ambientes, até que a proximidade do envelhecimento e a perda repentina da mãe a remeteram a uma profunda melancolia, a um luto sem fim, em que foram atualizadas todas as perdas do passado, então negadas, e projetadas em um futuro sem saída, sem cor, sem esperança.

Destaco a obra de Roussillon como uma das que mais se concentraram na descrição do intenso sofrimento de Narciso. Ele observa que

[...] aos poucos, felizmente, os analistas começaram a se deparar com a psicose, as depressões severas, com a perversão, com a problemática do limite, com os borderlines etc... como possuindo uma característica em comum, a centralidade da problemática de uma patologia do narcisismo, da relação do sujeito consigo mesmo. (2023, p. 18).

Suas reflexões focalizam os sofrimentos identitário-narcísicos, “aqueles que dificultam a função subjetivante do eu, que estão na origem de uma falta a ser, que todo processo de cura da psicanálise encontra em um momento ou outro de seu processo” (1999, p. 9). Ele sustenta a hipótese de que manifestações dessa patologia derivam de uma organização defensiva de um traumatismo primitivo clivado, o que vem de encontro aos aspectos do mito reavaliados neste artigo. Não vou me deter nas questões da gênese, desenvolvimento etc. dessas manifestações, remetendo para tanto às obras desse autor.

Levando em conta o exposto, ficam claras as dificuldades na abordagem e no manejo das sessões dos pacientes que apresentam essa patologia ou nos momentos mais críticos em que ela emerge. Mencionei a possibilidade de a clínica oferecer um novo lago para Narciso. Sugiro, em primeiro lugar, o não uso das interpretações, ao menos em um momento inicial. Nesse momento, com apoio na metáfora de Piccone, interpretar seria conectar os detritos do fundo do lago, o lodo do reprimido, do traumático, daquilo registrado como feio e sujo, o que seria certamente vivenciado como insuportável.

Os primeiros reflexos que deveriam ser percebidos nesse novo lago transferencial seriam o de um objeto capaz de realizar a função duplo de si. Como propõe Minerbo (2017, p. 157), esse objeto é necessário para que a pessoa consiga empatizar consigo mesma e “instalar a matriz simbólica para metabolizar a alteridade”. Roussillon, ao descrever a primeira relação narcísica, que chama de paradoxal, a denomina “homossexualidade primária, em dobro”. Por que paradoxal? “Pois o dobro”, nos diz ele, “se refere a um outro, um semelhante, um espelho de si, mas é um outro, não há confusão entre si próprio e o duplo. Este deve ser suficientemente semelhante para ser um duplo do paciente, mas suficientemente outro para não ser o próprio” (2018, p. 46). A atitude empática, então, seria constituída por uma aproximação dessa posição, dessa matriz, tentando, na medida do possível, e guardando-se as devidas proporções, reeditá-la.

Ferenczi (1992) foi o primeiro analista a propor o uso da empatia como ferramenta clínica. Também Kohut (1984) concede, no fim dos anos 1950, uma posição de destaque para a empatia. *Einfühlung*, no original, significaria a faculdade

de se “sentir com o outro”, ou, ao pé da letra, “sentir dentro do outro”. O matiz fornecido pelo prefixo *ein* sugere algo que ultrapassa a superfície, sendo necessário o contato com uma interioridade, um dentro. Como decorrência natural, entra em discussão o estatuto da neutralidade no campo clínico. Sem que esse estatuto seja abandonado, torna-se necessário revisá-lo, para que ele não ofereça os reflexos de um lago opaco e sem sentido, o eco de uma palavra distante e vazia.

Quando esse movimento se desenvolve de modo satisfatório, estão criadas as condições de esse outro encarnar na transferência o papel de um terceiro. No mito, nem Liríope, nem Céfiso puderam assumir essa função: com o impedimento da mirada reflexiva, Narciso se tornou presa de uma busca compulsiva do olhar especular do outro que confirmasse mais do que sua aparência, a sua própria existência. O terceiro seria aquele que propiciaria aos poucos a inclusão do temível clivado, transformando aquilo que seria apenas reflexo em uma reflexividade, ou seja, a possibilidade de simbolização e ampliação da subjetividade; seria a chance de *desvegetalizar* Narciso, não mais condenando-o a transformar-se em flor entorpecente, e finalmente humanizando-o.

Tramitação

Recebido 11/08/2024

Aprovado 15/08/2024

Referências

ALT, J.; HEARN, F. The Cortland Conference on Narcissism: introduction. In: *Telos*. N.Y., 1980.

ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BIRMAN, J. *Genealogia do narcisismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

CARVALHO, J. J. O encontro impossível entre Eco e Narciso. *Revista da USP*, São Paulo, v. 38, 1998.

FERENCZI, S. [1928]. Elasticidade da técnica psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Obras completas, Psicanálise III).

HADOT, P. Le Mythe de Narcisse et son interpretation par Plotin. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 13, 1976.

KLAUTAU, P. O uso da empatia em casos e situações limite. In: *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2012.

- KERNBERG, O. *La personnalité narcissique*. Toulouse: Priva, 1980.
- KOHUT, H. *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- MC DOUGALL, J. Narciso à procura de uma nascente. In: _____. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MINERBO, M. Contribuições para uma teoria sobre a constituição do super eu cruel. In: RACHEL, E.; TANIS, B. *Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher, 2017.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*, livro III. São Paulo: Hedra, 2017.
- PICCONE, P. Narcissism after the fall: What`s on the bottom of the pool? In: The Cortland Conference on Narcissism, *Telos*, N.Y, 1980.
- ROSENFELD, H. *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage e symbolization*. Paris: PUF, 1999.
- _____. Teoria da simbolização: a simbolização primária. In: FIGUEIREDO, L. C. *et al. Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Ed. Escuta, 2013.
- _____. *O narcisismo e a análise do eu*. São Paulo: Blucher, 2023.
- ROUSSILLON, R. *et al. Manuel de psychologie et de psychopathologie clinique générale*. Issy-les-moulineaux: Elsevier Masson, 2018.
- SAER, J.J. *O enteado*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- UBINHA, P. de T.; CASSORLA, R. M. S. Narciso: polimorfismo das versões e interpretações psicanalíticas do mito. *Rev. Estudos de Psicologia*, PUC-Campinas, v. 20, set./dez. 2003.
- VALÉRY, P. Fragments de Narcisse. In: *Collection Littéraire Lagarde et Michard, XX^{ème} siècle*. Paris: Bordas, 1973.